

# SCHOPENHAUER E NIETZSCHE CONTRA O DIAGNÓSTICO HEGELIANO DE INSIGNIFICÂNCIA DA ARTE

Jéssica Barros Silva (UFRN)\*

Este trabalho busca rebater o diagnóstico hegeliano da arte como algo insignificante, que em nossa época não mais possui a vitalidade e o poder que tinha para os povos antigos de revelar as verdades mais profundas do mundo e de trazer satisfação espiritual. Segundo Hegel, é a reflexão que desempenha o papel de elucidar e confortar o espírito na modernidade. Defendendo uma posição contrária a de Hegel, nos valeremos do pensamento acerca da arte de Friedrich Nietzsche e Arthur Schopenhauer. Os autores se contrapõem a Hegel na medida em que nega que a arte seja algo cuja força já não seja sentida na modernidade, para eles, a verdadeira arte, a arte que não advém da intencionalidade racional do homem, jamais perdeu seu poder e vitalidade. Esta arte, que não brota da individualidade do artista, mas sim da sua dimensão mais profunda e inconsciente – a qual é idêntica em todos os seres humanos – não se submete a quaisquer agendas políticas ou sociais, ou seja, é livre. Apenas assim, a arte revela a real essência do mundo e do sofrimento humano e oferece conforto para as inevitáveis dores da vida através da experiência estética.

## 1. Hegel e a perda de poder da arte na era da racionalização

Georg W. F. Hegel (1770 – 1831) em seus escritos denominados de *Cursos de Estética* defende que a grande arte não pode estar submetida a interesses, e, ao ser livre, ela se situa na mesma esfera da religião e da filosofia e é capaz de “trazer à consciência e exprimir o *divino* [*das Göttliche*], os interesses mais profundos da humanidade, as verdades mais abrangentes do espírito” (HEGEL, 1999, p. 32). A bela arte efetua um elo entre o sensível e passageiro e o pensamento conceitual, ela desvelada a verdade na aparência. A

---

1\* E-mail: [jessicafree@gmail.com](mailto:jessicafree@gmail.com). Mestranda em Filosofia, integrante do grupo de pesquisa em Metafísica Contemporânea da UFRN, dentro da linha de pesquisa Filosofias da Existência. Dedicou-se ao estudo da metafísica de Arthur Schopenhauer.

essência precisa da aparência para tornar-se cognoscível, pois “a verdade nada seria se não se tornasse aparente e aparecesse” (Ibid., p. 33). Entretanto, segundo Hegel, a arte só teve tal poder em um determinado período histórico do passado longínquo, cujo auge foi na Grécia Clássica. Isto porque neste período histórico a mente humana funcionava de um modo distinto do atual, isto é, ela se pautava menos na razão e era mais facilmente impressionável, o que permitia que formas sensíveis comunicassem do modo mais eficiente possível as verdades mais profundas do espírito. Com a evolução dos povos isso deixou de acontecer. Vejamos as palavras do filósofo:

[...] há uma versão mais profunda da verdade, na qual ela não é mais tão aparentada e simpática ao sensível para poder ser recebida e expressa adequadamente por meio deste material. A concepção cristã de verdade é desse tipo. Mas sobretudo o espírito do mundo atual, ou melhor, o espírito de nossa religião e de nossa formação racional se mostra como tendo ultrapassado o estágio no qual a arte constitui o modo mais alto do absoluto se tornar consciente. O caráter peculiar da produção artística e de suas obras já não satisfaz nossa mais alta necessidade. Ultrapassamos o estágio no qual se podia venerar e adorar obras de arte como divinas. A impressão que elas provocam é de natureza reflexiva e o que suscitam em nós necessita ainda de uma pedra de toque superior e de uma forma de comprovação diferente. O pensamento e a reflexão sobrepujaram a bela arte (HEGEL, 1999, p. 34).

Quando a reflexão racional se torna o aspecto preponderante da cultura, a arte deixa de ser capaz de oferecer satisfação espiritual. Na modernidade ela perdeu a vitalidade e o poder que possuía entre os povos antigos e foi relegada ao mero plano da representação. Hegel, enquanto um racionalista, defende que uma vez que a humanidade tenha atingido a idade da razão, ela só pode alimentar seu espírito adequadamente pela via conceitual. A arte não pode comover seres inseridos em uma cultura de reflexão. Os filósofos a seguir discordam. Vejamos seus argumentos.

## **2. Nietzsche e a arte como afirmação trágica da vida**

Friedrich Nietzsche (1844 – 1900) nos traz em sua obra *O Nascimento da Tragédia* o modo de compreensão da arte que exploraremos neste momento. Nesta obra de sua juventude, o autor defende que é nas figuras dos deuses mitológicos gregos Apolo e Dionísio que encontramos a chave para a compreensão da arte e de seu poder. Apolo e Dionísio representam forças as propulsoras da arte que emergem da própria natureza e não da intencionalidade do artista humano. Apolo é o deus da beleza, do equilíbrio e da razão

na mitologia grega. Nietzsche o identifica com o mundo das formas e dos sonhos e com tudo o que o ser humano cria racionalmente para ser belo. Dionísio, o deus das festas, do vinho, da embriaguez, está do lado dos instintos profundos do ser humano, é associado aos sentimentos viscerais que não foram processados pela racionalidade. Dionísio é o deus que representa a força da natureza capaz de revelar uma verdade embriagadora, de natureza mística que é vivenciada como uma experiência de fusão o indivíduo e o que Nietzsche chama de “Uno Primitivo”.

Nietzsche distingue dois momentos de desenvolvimento da arte na Grécia Antiga. O primeiro se refere ao tempo em que a atividade artística brotava da força apolínea, era ingênua e voltada para sonhos, isenta da influência dionisiaca. A força apolínea protegia os homens das dores da vida através de um véu de belas aparências. Nesta concepção de arte o observador estava sempre em uma postura contemplativa e distante, jamais se fundia em espírito com a arte. No entanto, a arte grega supera este momento de ingenuidade ao incorporar a influência dionisiaca. Dionísio chega na arte levando à compreensão das dores do mundo e conduzindo aqueles que tomavam parte da experiência estética a um êxtase de fusão com o Uno-Primitivo. Diz o filósofo:

Sob a magia do dionisiaco, torna a selar-se não apenas o laço de pessoa a pessoa, mas também a natureza alheada, inamistosa ou subjugada, torna a celebrar sua festa de reconciliação com seu filho perdido, o homem. [...] Agora, graças ao evangelho da harmonia mundial, cada qual se sente não só unificado, conciliado, fundido com o seu próximo, mas um só, como se o Véu de Maia tivesse sido rasgado e reduzido a tiras, esvoaçasse diante do misterioso Uno Primitivo (NIETZSCHE, 1999, p.31).

O Uno-Primitivo é experimentado enquanto um sentimento de união com todos os seres, bem como na realização intuitiva de que todos os seres sofrem e que em seu nível mais íntimo todos eles compartilham das mesmas dores. Em um primeiro momento, a força dionisiaca deixa o homem apolíneo chocado e desnordeado. Entretanto, passado o choque, as duas forças motrizes da arte caminham para um equilíbrio, no qual a força dionisiaca recebe a bela roupagem conferida pela força apolínea e disto nascem a poesia lírica e a tragédia grega como possibilidade de redenção do sofrimento inerente à vida.

O artista grego que compõe poesia lírica e tragédia é ao mesmo tempo apolíneo e dionisiaco, ao passo em que ambas as modalidades artísticas eram expressas através da música. Os versos das poesias eram cantados, bem como as tragédias eram encenadas nos teatros públicos com o auxílio de um coro e instrumentos musicais. Assim, a criação artística combinava através da música, a força dionisiaca que apela aos instintos e aos

sentimentos, com a força apolínea da bela forma que se reporta à racionalidade do homem. É importante chamar a atenção para um ponto crucial da análise nietzschiana da poesia: o eu lírico, a primeira pessoa do singular que aparece nos poemas, não diz respeito a um indivíduo em particular. O eu lírico não fala de sua experiência pessoal ao cantar suas dores e alegrias, mas sim, do sofrimento e da alegria universal que é experimentado por intermédio da força dionisíaca. Na poesia, o “eu lírico” é voz de toda a humanidade. Para Nietzsche, apenas quando a arte é criada a partir desta perspectiva universal, ela é verdadeira.

Nietzsche associa Apolo ao “princípio de individuação”, ou *principii individuationis*<sup>2</sup>, segundo o qual, o tempo, o espaço e a causalidade – as três formas segundo o entendimento humano opera – conferem certas qualidades específicas a um objeto fazendo com que este se diferencie do Todo que é indiferenciado e encontra-se fora do espaço, do tempo e da causalidade. Já Dionísio aparece como a força que leva à superação do princípio de individuação e à consequente realização intuitiva da unidade de todas as coisas. A música comporta em si tanto a força apolínea quanto a dionisíaca, a primeira é responsável pelo tema, ou conteúdo linguístico da música, por suas imagens representadas por palavras, que buscam a beleza de acordo com a razão, já a segunda pode ser sentida pela vibração, ritmo e melodia da música.

Embora na poesia lírica grega a música e a linguagem estejam juntas, a música em si, considerada separadamente das palavras, é o elemento mais poderoso da poesia. O seu significado intuitivo é assimilado de modo mais profundo do que aquele que se segue da racionalização envolvida no entendimento das palavras da poesia. A música traduz a índole do Uno-Primitivo de um modo que a linguagem não pode fazer. A força de Dionísio, o deus que quebra todas as barreiras da racionalidade e é capaz de falar a todas as pessoas independentemente de suas crenças e sistemas analíticos, é sentida no pulsar rítmico da música.

Também na tragédia a música desempenha o papel central na promoção do sentimento de unidade com o coração do mundo e seus sofrimentos. As tragédias eram cantadas por um coro de sátiros e por atores que conduziam o espectador com seu canto poderoso a perceber o sofrimento inerente a vida de modo tão forte que este corria o perigo de sucumbir ao desespero. Entretanto, a arte o salvaguardava de cair no desespero,

---

<sup>2</sup> Este conceito é advém da obra de Schopenhauer, autor a quem Nietzsche se remete em diversos pontos de sua obra *O nascimento da tragédia*.

afirmando que mesmo com dores, havia beleza na vida, havia algo de transcendental e profundamente tocante ocorrendo ali na tragédia que tinha o poder de salvar os homens do terror de viver em mundo de caos e sofrimentos sem sentido.

As forças apolíneas e dionisiacas que provém da natureza e criam a arte são eternas aos olhos de Nietzsche, assim sendo, elas possuem hoje o mesmo poder e vitalidade que possuíam na época dos gregos antigos. Essas forças estão sempre ativas na grande arte criando as condições para o deleite estético mesmo se o objeto da arte tenha a forma de algo perturbador, como acontecia com os temas das tragédias gregas. Logo, Nietzsche diferentemente de Hegel não considerava que o poder que a arte tinha nas civilizações antigas tenha sido perdido.

Para Nietzsche, a arte não é mero entretenimento, mas sim uma necessidade humana, pois, sem ela, a vida tonar-se-ia pesada e sombria demais para ser suportada. A força dionisiaca revela o sofrimento do mundo de modo tão poderoso que impossibilitaria o homem agir em sua vida cotidiana se não fosse por Apolo que provê um “véu de ilusão” sobre esse sofrimento com suas belas formas. Desta forma, a arte é o âmbito da conciliação das forças da natureza que atuam sobre nós. Além desta função conciliatória, a arte desempenha também uma função afirmativa, de aceitação da vida com todas as dores e alegrias. Nietzsche nos mostra que podemos vivenciar o sofrimento inalienável de nossas trágicas existências de modo belo e potente através da experiência estética e assim, encontramos consolação.

### **3. Schopenhauer e a consolação da contemplação estética**

Agora retrocedamos um pouco na história da filosofia e vejamos o que pensava da arte um filósofo que muito inspirou o pensamento de Nietzsche: Arthur Schopenhauer (1788-1860). Para que possamos compreender a estética schopenhaueriana, é imprescindível que tenhamos claros alguns pontos essenciais do pensamento metafísico do filósofo. Schopenhauer em sua obra magna de 1818, *O Mundo como Vontade e como Representação*, explica o mundo a partir de dois pontos de vista: o metafísico, no qual o mundo é Vontade, e o fenomênico, no qual ele é representação. A Vontade é a índole íntima do mundo, sua essência, ou ainda, a coisa-em-si – em sentido kantiano – que em si mesma é inapreensível pois está alheia às formas do conhecimento humano – tempo,

espaço e causalidade. O mundo é o espelho da Vontade, ou sua objetivação. Isto é, o mundo é a própria Vontade considerada do ponto de vista fenomênico. Todos os fenômenos que observamos são manifestações da Vontade em diferentes graus de acabamento e complexidade. Diz Schopenhauer: “os graus determinados de objetivação da Vontade que constituem o em-si do mundo são precisamente aquilo denominado por Platão IDEIAS ETERNAS ou formas imutáveis” (SCHOPENHAUER, 2005, p.236). As Ideias são o protótipo ideal de cada um desses graus de objetivação da Vontade, são as representações mais perfeitas, ou adequadas, da coisa-em-si. Cada fenômeno possui um em-si metafísico, ou essência, que corresponde a uma Ideia.

As diversas modalidades de arte – pintura, escultura, poesia, tragédia, etc. – nos levam justamente ao conhecimento das Ideias, o que significa dizer que a arte nos revela o que há de essencial nos fenômenos que ela representa. Ao nos levar ao conhecimento das ideias na absorção da experiência estética, a arte nos proporciona um momento de liberdade ao passo em que nos esquecemos de nós mesmos e dos ditames de nossa vontade. Deste modo encontramos alívio e alegria na experiência estética que para Schopenhauer é da ordem do puro conhecimento destituído de vontade.

É interessante destacarmos aqui que Schopenhauer considerava a música diferente de todos os outros tipos de arte, a forma artística mais elevada e poderosa, assim como Nietzsche o faz alguns anos após. Para Schopenhauer, a música é superior às outras artes por que ela nos leva ao conhecimento da índole da própria Vontade e não ao das suas objetivações mais adequadas, as Ideias, como o fazem as demais formas de arte. A música é análoga ao mundo fenomênico, isto é, à natureza que espelha a Vontade, pois, em ambos os casos a Vontade mostra-se tal como ela é diretamente. Tanto na natureza como na música, tem-se o testemunho verdadeiro da essência metafísica do mundo. Diz o filósofo:

Essa íntima referência da música à essência verdadeira de todas as coisas explica o fato de, quando soa uma música que combina com uma cena, ação, acontecimento, cercania, como que nos revela o sentido mais misterioso dos mesmos, entrando em cena como o comentário mais correto e distinto deles (Ibid., p.344).

A música espelha diretamente a Vontade, devido ao fato de que sua criação parte da dimensão essencial e não racional do compositor. Diz Schopenhauer: “O compositor manifesta a essência mais íntima do mundo, expressa a sabedoria mais profunda, numa linguagem não compreensível por sua razão” (Ibid., p. 342). O grande compositor não compõe através da mediação de uma intencionalidade consciente, é a partir do “conhecimento imediato da essência do mundo” (Ibid., p. 346) que ele cria, ou seja, a

criação artística possui um fundamento intuitivo, não racional. As obras musicais criadas com o propósito de retratar um fenômeno específico da Vontade, como as Estações de Haydn, devem ser por completo rejeitadas. Esse é um tipo de música inferior para Schopenhauer, por ser mera representação de representações.

Ao objetivar diretamente a Vontade, a música reproduz “todas as agitações do nosso ser mais íntimo, porém sem a realidade e distante dos seus tormentos” (Ibid., p.346). Isso a torna um grande instrumento de autoconhecimento e de conhecimento do mundo e lhe confere um poder terapêutico, ao passo em que a fruição do belo nos consola dos sofrimentos inerentes à vida e eleva-nos a um estado contemplativo no qual esquecemos de nós mesmos e de nossas penúrias por alguns momentos.

No entanto, a Vontade enquanto o ímpeto cego que rege os fenômenos de modo a fazer deles meros instrumentos para a perpetuação da vida no mundo ainda atua no artista fazendo com que ele não possa desfrutar da liberdade da experiência estética por muito tempo. O artista continua a ser um sofredor, pois manifesta em si a insatisfação e o esforço incessante que caracterizam a Vontade. “Ainda não se trata, para o artista, da saída da vida mas apenas de um consolo ocasional em meio a ela; até que sua força aí incrementada, finalmente cansada do jogo, volte-se para o sério” (Ibid., p.350). O sério, para Schopenhauer, é a autonegação da Vontade de vida que só o santo e o asceta podem atingir e que se manifesta através da renúncia e da resignação. Vendo claramente o esforço cego e sem fim da Vontade manifestando-se no mundo e em si mesmo, o sujeito se liberta de seu jugo e pula fora da roda de desejos e sofrimentos intermináveis que é a vida ordinária de afirmação do querer. Entretanto, a completa autonegação da Vontade ocorre raramente e não advém de um esforço racional, fruto da determinação do sujeito, ela chega subitamente tal qual a graça que liberta o pecador segundo a religião cristã. Assim, a arte é a solução mais acessível para a maioria de nós para se lidar com o sofrimento da vida, pois, a fruição do belo nos eleva deste mundo de dores e nos consola.

#### **4. Considerações Finais**

Nietzsche não pensa como Schopenhauer acerca das limitadas possibilidades da arte para se lidar com o sofrimento, e concorda muito menos com a única solução efetiva para o fim do sofrimento que Schopenhauer identifica com a negação da Vontade. Para

Nietzsche, o melhor que um ser humano pode fazer não é viver de modo renunciador e resignado, mas sim, acolher tragicamente o sofrimento da vida e celebrá-lo através da arte. Nesta atitude criadora está a potência humana para Nietzsche. Apesar dessa discordância quanto ao que pode o homem no sentido de uma emancipação do sofrimento, Nietzsche está em concordância com Schopenhauer ao frisar que a arte só é poderosa quando não está ligada a conteúdos particulares, ou seja, quando não é um meio de expressão da individualidade de um sujeito. As forças apolíneas e dionisíacas revelam de modo belo a Unidade Primordial e o sofrimento do mundo, não o sofrimento particular de um indivíduo, que é algo menor, desprezível e que não merece constituir objeto da arte. Fazer uma arte expressando sentimentos particulares, é algo típico do homem ressentimento, que *re-sente* as coisas do passado falhando em viver no presente, do qual Nietzsche nos fala em sua obra *Genealogia da Moral* (1998). Por isso a forma mais poderosa de manifestação da arte para Nietzsche, assim como para Schopenhauer, é a música. Para eles, a música é a arte que melhor consegue ir além das limitações do princípio de individuação e falar do que provém do coração do mundo e não do coração de um só homem.

Para estes pensadores era claro que a significância da arte era algo a ser sentida no fórum íntimo do homem, o que fazia com que eles naturalmente se abstivessem de filosofar acerca do uso da grande arte dentro de agendas sociais e políticas, posto tal uso não fazer o menor sentido para eles. A arte era compreendida como um alimento para o espírito, cuja significância era de natureza metafísica e não política. A grande arte não quer saber de falar ao homem na sua dimensão política e social, pois tais dimensões dizem respeito ao âmbito do princípio de individuação, que é superado pela grande arte, a qual diz respeito à dimensão mais profunda do homem, a Vontade, que é a essência que ele compartilha com todas as outras coisas.

Assim, encontramos nas estéticas de Nietzsche e Schopenhauer um elogio à arte que atesta para sua pertinência nos tempos modernos e contradiz o diagnóstico hegeliano pessimista de que a arte seria incapaz de revelar a verdade e consolar o espírito do homem na era da razão. Muito pelo contrário, parece-nos que é na era da razão que a arte assume um caráter ainda mais vital, pois ela toca o homem em sua dimensão mais primitiva, irracional, fala aos seus instintos e sentimentos e lhe revela a verdade do mundo pela via intuitiva salvando-lhe da frieza e das limitações da racionalidade.

## **Bibliografia**

HEGEL, G. F. **Cursos de Estética**. vol 1. São Paulo: Edusp: 1999. Trad.: Marco Aurélio Werle.

NIETZSCHE, F. **A genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Trad.: Paulo César de Souza.

NIETZSCHE, F. **O nascimento tragédia: ou Helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Trad.: J. Guinsburg.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e como representação**. Tomo I. São Paulo: Unesp, 2005. Trad.: Jair Barboza.